

Sérgio Sant'Anna

Universidade Federal Fluminense

REITOR

Sidney Luiz de Matos Mello

VICE-REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

CONSELHO EDITORIAL

Aníbal Francisco Alves Bragança (presidente)

Antônio Amaral Serra

Carlos Walter Porto-Gonçalves

Charles Freitas Pessanha

Guilherme Pereira das Neves

João Luiz Vieira

Laura Cavalcante Padilha

Luiz de Gonzaga Gawryszewski

Marlice Nazareth Soares de Azevedo

Nanci Gonçalves da Nóbrega

Roberto Kant de Lima

Túlio Batista Franco

DIRETOR

Aníbal Francisco Alves Bragança

Ângela Maria Dias
Regina Dalcastagnè
(organizadoras)

Sérgio Sant'Anna
um autor em cena



Copyright © 2013 Ângela Maria Dias e Regina Dalcastagnè
Copyright © 2016 Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Coleção Biblioteca, 80

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Direitos desta edição cedidos à Eduff

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ

CEP 24220-900 - Brasil

Tel.: +55 21 2629-5287

www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Impresso no Brasil, 2016.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 7

Ângela Maria Dias

A LITERATURA COMO INSUFICIÊNCIA, 11

Igor Ximenes Graciano

A INTIMIDADE ENCENADA, 41

Pedro Galas

TEATRO DE SOMBRAS, 63

Luis Alberto Brandão

ENTRE NINFAS E MENINAS, 71

Renan Ji

RESISTÊNCIA E ANSIEDADE, 87

Regina Dalcastagnè

REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA, 99

Ana Paula Teixeira Porto

HISTÓRIAS DE MONSTROS E ESPECTROS, 123

Giovanna Dealtry

O SENTIDO EXTREMO DA CENA, 137

Ângela Maria Dias

ENTRE A TELA E O TREM, 151

Stefania Chiarelli

A ARTE DE NÃO ESCREVER, 157

Sérgio Sant'Anna

APRESENTAÇÃO

Ângela Maria Dias

Ricardo Piglia já disse que “a crítica é uma forma pós-freudiana de autobiografia”, na medida em que as leituras falam de experiências e projetam posições, perspectivas e crenças que seus críticos-autores pretendem legitimar como verdadeiras. De alguma maneira, tais “verdades”, se bem formuladas, devem contar um enredo, ou ainda esboçar uma cena, capazes de sugerir as relações entre o autor e a aventura da escrita. A presente coletânea de artigos sobre a obra de Sérgio Sant’Anna reúne professores de diferentes origens e inserções na universidade e, apesar da diversidade de abordagens e estilos, manifesta significativas afinidades na composição do perfil do escritor e no diagnóstico de suas principais obsessões.

Se a literatura trabalha com um inventário de possíveis, este autor, que surge na cena nacional em 1969, emerge no presente conjunto de ensaios como um ator-escritor, ou seja, um escritor que vive a escritura como palco de cenas rebatidas, num jogo de espelhos que se abismam e se replicam, em infindável progressão.

Em 1970, Barthes, em *S/Z*, pensando na situação da arte na atualidade, comenta sobre a explosão dos códigos em favor de um espaço múltiplo cujo modelo já descarta a pintura (o “quadro”) em benefício do teatro (o palco), como havia anunciado Mallarmé (BARTHES, 1992, p. 86). Não é outro o eixo da obra de Sant’Anna, toda ela concebida num estilo performático, em sua capacidade de depurar os movimentos da subjetividade arredia e de idealizar um sublime avesso à mundanidade, numa dinâmica alimentada, de um lado, pelo brilho de uma retórica cínica e, de outro, pelo apelo melodramático de uma sentimentalidade desabrida.

A construção de uma literatura vocacionada pelo teatral equilibra-se no eixo da exteriorização subjetiva que persegue os arabescos da interioridade como um fantasma a ser traduzido pela escrita,

submetida a um regime de experimentação, em que a reflexividade metadiscursiva satura a linguagem de espelhamentos e relativizações. Assim, a intimidade encenada ao buscar substancializar-se pela literatura depara-se todo o tempo com a sua insuficiência, como postula o título do artigo de Igor Ximenes Graciano: “A literatura como insuficiência”. A insuficiência da literatura traduz-se radicalmente pela sua teatralização e tem a ver com todos os outros desdobramentos e enlances apontados nos diferentes artigos.

Para capturar o impalpável da vida interior, como o reconhece Pedro Galas, sua ficção adota um viés ensaístico e discute permanentemente os limites da representação literária, num jogo farsesco em que a proximidade entre narrador e autor é encenada com insistência. Mas a tensão entre romance e teatro como ato de manipulação da linguagem, também apontada por Luiz Alberto Brandão, vai gerar uma estratégia de dessacralização de imagens mítico-religiosas e elementos da cultura brasileira que, de acordo com Renan Ji, culmina no pastiche e no desencanto pela deterioração das crenças espirituais coletivas.

Assim, a mistura de gêneros e o uso constante da metalinguagem, a denunciar os próprios artifícios, numa permanente espiral de autodissuasão, têm a ver com o que Regina Dalcastagnè denomina de escrita contaminada pela ansiedade da arte, que “se manifestaria, sobretudo, no questionamento da própria arte” e da “posição do intelectual sob condições de violência”, pela “discussão do que há de político no interior do próprio fazer literário”. Nesse sentido, Ana Paula Porto sublinha a fragmentação subjetiva de determinados personagens, como Dionísia (de *Amazona*), Ralfo (de *Confissões de Ralfo*) e Carlos Santeiro (de *Um romance de geração*) e a percebe como ligada à sua comum condição impotente, diante da violência, tanto a exercida pelo Estado, quanto a disseminada na sociedade.

Esta melancolia cínica que se alimenta da própria impotência e se justifica com ela transforma o autor-escritor-personagem sempre numa voz sob suspeita, em que a compulsão de narrar fatos mal explicados e de examinar uma subjetividade impalpável, em seus caprichos e contradições, manifesta as artimanhas de um sedutor, incurável em sua vontade de poder e manipulação do outro, leitor ou receptor reduzido à passiva condição de *voyeur*.

A obsessiva presença do autor como “elemento constantemente presente e unificador da narrativa”, de nossa perspectiva, não só garante o investimento experimentalista da ficção de Sant’Anna, pela

composição híbrida e intertextual, mas, sobretudo, afirma a persistência de sua voz, vestida por sucessivas máscaras, nos jogos de poder e sedução com o leitor e de manipulação com o enredo e os personagens.

Nesse sentido, o comentário de Giovanna Dealtry sobre as situações-limite em que o autor tende a abordar a alteridade, que frequentemente o estranha ou ameaça, constitui mais um argumento para comprovarmos o capricho do narrador ao indefinir os contornos da narrativa e tornar incertos os fatos e os comportamentos dos personagens, numa eterna diluição de situações objetivas, em favor do próprio arbítrio e do carisma de sua voz.

Por isso, Ângela Maria Dias, ao comentar especificamente *O livro de Praga*, aponta, em sua fatura, a capciosa releitura dos recursos, temas e técnicas do romantismo e do melodrama, de mistura com o ritualismo e a *mise en scène*, características da performance. Certamente este arsenal de teatralidades embutidas na narrativa literária remete para o palco interior da fantasia, como espaço privilegiado para a incessante encenação da mística da subjetividade.

A escrita performática da fantasia acompanha um tipo de desdobramento narcísico em que o contista-narrador, alter-ego do autor, se examina numa espécie de teatro interior, desdobrando-se nas figuras do juiz, do acusado, do fiscal, do defensor, e mesmo do torturado e do torturador. Bastante característico desta postura, atingida num patamar de excelência, é o romance *Um crime delicado*, em que o crítico de teatro Antonio Martins dispõe-se a narrar um *affair* artístico-sexual, no qual se envolve com uma modelo manca, para se autoexaminar e buscar entender os próprios atos.

O desgarramento entre consciência moral e substrato passional, exteriorizado como sexualidade ou agressividade, constitui a cena do individualismo autoconsciente, encarnado pelo narrador, e o palco do melodrama que leva a efeito, em muitas variantes, no decorrer de sua obra. Como também o registra Stefania Chiarelli, a questão da representação é incessantemente tematizada em Sant'Anna, não apenas na literatura, mas em distintas formas de criação artística, como a música, o teatro e a escultura. O que ratifica o caráter intertextual da obra e sua afinidade com a estrutura híbrida e confluyente do melodrama, pródiga em abrigar todos os aportes e mesclar os mais diferentes recursos, sobretudo os oriundos das artes plásticas e visuais, altamente compatíveis com a teatralidade que o alimenta.

Não é por outra razão que o autor, na presente coletânea, tenha como livros mais abordados dois de seus romances-teatro: *Um romance de geração* (1980) e *A tragédia brasileira* (1987), altamente emblemáticos de sua estética dramática.

No último texto deste livro, o autor comparece com um escrito irônico e lúdico sobre “A arte de não escrever” que, segundo declara, “é arte tão dura e demandante de rigor” justamente porque o silêncio consciente exige uma rigorosa autoapreciação, quase tão difícil quanto a dos escritores movidos pelo exercício de uma vontade férrea. Entre outras anedotas sério-jocosas, Sant’Anna declara que a literatura não suporta “qualquer tipo de primitivismo” e que o esforço em cortar palavras, “às vezes até a última”, deve frequentar assiduamente qualquer prática literária.

Nada mais compatível com o caráter marcadamente autoconsciente e metacrítico de uma literatura que, apesar de tagarela e cínica nas artes da sedução, é suficientemente teatral e engenhosa, para evitar as armadilhas da improvisação.

Referência

BARTHES, Roland. *S/Z*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.